

AROLD MURÁ G. HAYGERT

VOZES DO PARANÁ

RETRATOS DE PARANAENSES

ALEXANDRE CURI

ARY DE CHRISTAN

BENTO GARCIA JUNIOR

GLEISI HOFFMANN

**JAIME
LERNER**

2

GUSTAVO FRUET

IRINEO DA COSTA RODRIGUES

JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI

LUIZ ALFREDO MALUCELLI

LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ

ELIN TALLAREK DE QUEIROZ

PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA

RAUL TROMBINI

RENÉ DOTTI

RICARDO HOEPERS, PE.

RICARDO PASQUINI

WALDO VIEIRA

WILSON DE ARAÚJO BUENO



Convivium
editora ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

Produção editorial

Editora Esplendor
Jubal Sérgio Dohms

Revisão

Agostinho Baldin
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms
sobre layout de Clarissa Martinez Menini
(para o primeiro livro da coleção)

Arte

Carlos Augusto Rougemont
Gilberto Nunes Guerra

Fotos

01 e 15: Alice Varajão
02 a 04, 06 a 14: arquivo pessoal
05: Joel Rocha/SMCS

Dados internacionais de catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;
Convivium 2009.
300p.: il.; 23 x 28cm.
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD (22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a
CONVIVIAM EDITORA LTDA.
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106
Curitiba PR
CEP 80240 001
Telefone (41) 3243 2530
contato@conviviumeditora.com



EDITORIA ESPLENDOR
Rua Deputado Mário de Barros 752 -
Juvevê
Curitiba-PR
CEP 80530 280
Telefone (41) 3253 4608
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sapiente que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



Jaime Lerner acupunturista de cidades e pregador de antigas certezas

Não se recusa a ser fotografado, mas vai avisando – “meu melhor ângulo é o de 20 anos passados”.

Tem consciência e se adapta às limitações da idade, 71, ao peso acima do desejável, mas também exalta, quando provocado, o tempo que vive, o hoje, de pleno discernimento das coisas e das pessoas, qualidades que os anos trazem. Não recorre a expressões como as que identificam, necessariamente, a terceira idade com sabedoria. Mas gosta de chamar à conversa alguns de seus ídolos, como seus falecidos pais, “seu” Felix, e dona Elza, poloneses chegados ao Brasil na metade dos anos 30, e dois netos. São eles Ben, 9 anos, filho de Ilana e Cláudio, e Tobias, 5, filho de Andréa e Peter. “Mas não esqueça os outros, dá encrenca”, avisa.

As crianças são sábias e sagazes criaturas que enriquecem e enternecem as histórias familiares cultivadas e contadas por Jaime Lerner e Fani.

A filha Ilana, jornalista, sorriso amplo, rapidíssima de raciocínio, como que completa os desejos de Lerner em recuperar os bons ângulos fotográficos: entrega-me um CD com várias fotos recentes do arquiteto e urbanista em quem o Brasil e o mundo (sem ufanismo, do tipo o “mundo se curva ao Brasil”) identificam o realizador de exemplares revoluções/intervenções urbanas. A maior delas foi em Curitiba, a partir de 1971, quando conseguiu transformar uma cidade, Curitiba, em modelo de soluções urbanísticas aplicáveis em qualquer parte do mundo. Uma transformação sem que a cidade perdesse o charme, pelo contrário, acrescentando novos. Charmes que incluíam convivência harmônica de modernidade, um certo cosmopolitismo, com os traços de uma civilização típica, a curitibana.

Foram soluções geradas por Lerner que incluíram desde renovadora legislação do uso do solo, transporte de massa, ecologia/parques, à reciclagem do lixo doméstico, à troca de lixo por alimentos para as populações carentes, até programas habitacionais populares ousados. Como foi o então pioneiro programa de autoconstrução da COHAB-CT, liderado por Rafael Dely, e com casas populares diferenciadas no *design*. Tudo isso junto com um avanço industrial que trouxe grandes empresas mundiais para Curitiba, abrigadas na CIC – Cidade Industrial de Curitiba. CIC que ele implantou, e que se tornou a maior geradora de empregos e tributos da Ca-



Em 1974, durante o primeiro mandato de prefeito: começo de uma carreira de repercussão mundial.

pital. A cidade industrial que incluiu em sua concepção detalhes essenciais, como medidas para evitar a poluição ambiental de Curitiba. Exatamente o contrário de maledicências políticas que em horário eleitoral chamavam a CIC de “um grande campo de golfe”.

Solidariedade

Continua o mesmo pregador de quando, em 71, foi escolhido prefeito de Curitiba pela primeira vez. Na voz pausada, o sotaque acentuadamente curitibano, sublinha convicções, como a de que a cidade “é o último refúgio da solidariedade”. Esta é uma das certezas do catequista e inicialmente guerreiro solitário em favor do transporte público como substituto do automóvel individual já naqueles tempos. Trata-se de pregação que, nos dias de hoje, é fala obrigatória de qualquer um

que advoga sustentabilidade. Lerner e suas propostas já eram politicamente corretos no começo dos 1970s. Seria, então, exagero dizer que o urbanista foi absolutamente precognitivo nos passos iniciais de sua vida pública? Que o urbanista curitibano se antecipou a soluções e fórmulas que, no mundo, aparecem, só vinte anos depois, em boa parte, como grandes novidades?

A palavra de ordem de Lerner, dada 31 anos atrás, era a de o automóvel ceder espaço ao pedestre. Foi uma ousada experiência, levando ao fechamento de vias “intocáveis”, como a Rua XV, por exemplo, causando comissões empresariais e não poucos protestos populares e até da imprensa. Foi decisão chocante num mundo que desfrutava só o presente como dádiva imutável, sem preocupações com o futuro das cidades e sem avaliar as grandes mudanças que a rápida urbanização produzi-

ria.

Decisões rápidas, certeiras, como a de dotar Curitiba de um sistema viário exemplar – como o chamado trinário – com as vias rápidas Norte-Sul-Norte e as vias exclusivas para ônibus e vias laterais de tráfego lento. Soluções que garantem hoje que ainda vivamos a salvo do caos urbano. E tudo construído com poucas indenizações, garantindo vitais ligações Norte-Sul, antes inexistentes por caminhos diretos.

Lerner acha que a crise mundial de hoje pode ser oportunidade para que os governos invistam em qualidade de vida nas cidades. Nada contra bancos, mas acha que só colocando dinheiro em projetos que garantam vida melhor e digna para o cidadão – e não em bancos – é que se responderá bem à crise. Pois, tem certeza, qualidade de vida gera empregos e renda abundantes, alimentando a economia.

Essa é a velha-nova bandeira do “acupunturista urbano”, em pregações como as que fez nos últimos meses em cidades como Milão; Mumbai, Índia; Prem, na Rússia, perto da Ásia; Durango, no México; Luanda, Angola; Aman, Jordânia; Edmont, Canadá; Estados Unidos, China, Goa (na Índia, fundada por portugueses). Pregações que repete há anos, desde que deixou o Governo do Pa-

raná, em 2002.

Não quis ser consultor, é um especialista em soluções urbanas. Atende a convites de cidades do mundo todo para fazer sua “acupuntura”. Vai até elas, lança suas ideias, ouve, discute, faz diagnósticos, propõe soluções, planta sementes. Desdobramentos da semente podem ou não ocorrer. Na maioria das vezes, vêm, pois caem em terra fértil.

E ninguém no Brasil plantou melhores sementes de mudanças urbanísticas mundo afora quanto Lerner. Pregação que trabalha fortemente a ideia da cidade reunindo funções – trabalho e moradia juntos. “O desastre é quando eles são separados”, sentencia.

Exemplos não faltam de como e quanto as propostas de Jaime Lerner – Curitiba em particular – foram apropriadas por outros países. É o caso do *Bus Rapid Transit*, de Curitiba, adotado por 83 cidades, como Seul, Bogotá, Los Angeles, New York (uma linha experimental). O sistema de transporte urbano de Curitiba (expressos e ligeirinhos, canaletas exclusivas, os tubos, os programas de embarques e desembarques precisos e pontuais) foi transplantado e adotado, com nomes diferentes, às vezes, nessas e outras cidades.

Bem humorado, Lerner disserta com maestria em tor-



Ensinando taxistas a trabalhar as novas realidades do sistema viário que iria implantar. Anos 70s.

no das palavras-chave de um mundo em aquecimento anormal e a caminho de se tornar inviável nas grandes cidades. “Ser sustentável todo mundo quer, até uma banda de *rock* quer ser sustentável”, cutuca. Acha que a sustentabilidade das cidades (e elas são geradoras de 75% das emissões de carbono na atmosfera) depende de como são concebidas, este o xis da questão.

A equação de Lerner é, no essencial, a mesma que norteou sua mensagem pioneira e solitária, a partir de 1971, no fascinante laboratório de sua Curitiba: cidade com menos carro, e que recicla o lixo; cidade de múltiplo uso, com seus centros não vazios, em que a população mora perto do trabalho e usa farto transporte público.

A receita é, pois, a mesma, resumida na cartilha levada pelo ex-prefeito de Curitiba em português, inglês, francês, espanhol, um pouco em alemão. Sempre com as entonações do “leite quente”.

A Barão do Rio Branco

Só entenderemos bem Jaime Lerner e sua alma depois de uma imersão profunda na configuração física e psicológica da Rua Barão do Rio Branco, na sua Curitiba da infância e mocidade. A Barão dos finais dos 30s, indo até os 60s. “Lá tive um curso de realidade, outro de fantasia”, resume Lerner. Barão do Rio Branco nº 593, o abrigo seguro de Lerner, dos pais e dos irmãos, Julio, Clarita, Ethel, Henrique.

A Rio Branco foi a rua da Casa Felix, de armarinhos, do pai, e onde, muitas vezes, ajudou os colonos (ele já acadêmico de Engenharia na UFPR), que desembarcavam da estação ferroviária e lá iam fazer compras, a experimentar calçados; a rua em que Julio, o irmão mais velho, foi atropelado, dirigindo bicicleta, por um bonde, o que gerou proibição familiar, cumprida à risca, de os outros filhos andarem sobre duas rodas... E Jaime desenvolveu um tabu: jamais conseguiu andar de bicicleta.



Estações-tubo, ônibus biarticulados, trimários e canaletas exclusivas: Curitiba exporta soluções para transporte de massa.



Recebendo homenagem – Colar de Ouro – nos primeiros dias de uma longa e fértil carreira pública.

Rua Barão, espécie de Rua da União do poeta Manuel Bandeira, com seu charme e seu mundo amplo e ao alcance de todas as necessidades do menino, do jovem e da vizinhança. Rua que preenchia o mundo onírico da criança Jaime e de seus companheiros e que o seguiria vida adentro como boa síntese – exemplar – de parte da cidade de múltiplos usos: rua com operários e indústrias; rua da estação dos bondes; o lúdico estava ali mesmo, com o Circo dos Irmãos Queirolo, que lá ficou por 30 anos; a estação ferroviária, com o embarque e o desembarque diário de gentes de todas as camadas sociais e um mundo de novidades; rua de hotéis, como o majestoso Johnnscher, com requintes germânicos em móveis e na arquitetura; o casarão de parte do Palácio do Governo, que depois daria lugar à Secretaria de Justiça fica ali na via; os jornais “O Estado do Paraná” e “Tribuna do Paraná”, com o instigante mundo das manchetes a chamar atenção da piaçada para realidades e gentes muito além daquele território quase sagrado; a rua da Praça Eufrásio Correa, com o imponente casarão da Assembleia Legislativa, que depois seria entregue à Câmara Municipal e na qual – “jamais sonhei” – ele entraria por três vezes para jurar servir à cidade e receber

a investidura de prefeito de Curitiba; a Barão do Bar e Restaurante Palácio, emblemático de uma Curitiba pequena, acanhada, provinciana e acolhedora; Barão do Rio Branco das estações de rádio que então detinham a audiência absoluta dos paranaenses, as Rádios Clube Paranaense (B-2), e Guairacá, “Voz Nativa da Terra dos Pinheirais”, com suas orquestras – “os músicos se levantavam, e sentavam, como nos filmes, ao sinal do maestro”, recorda Jaime; rádios com suas novelas que eletrizavam a cidade em todas as camadas sociais, e com os programas de auditório, como os de Rocha Braga e Aluízio Finzeto. Rua também da Rádio Marumby.

“E no final da Barão, lá estava o Paço Municipal...”, assinala Jaime, para lembrar que tudo, para ele, estava acessível naquela rua e no entorno de sonhos e realidades. Não precisava de condução para cumprir o dia-a-dia exigente, na infância passada na Escola Israelita, da Rua Lourenço Pinto, depois o ginásio e Científico no Colégio Estadual do Paraná, mais tarde a Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade; um espaço de felicidade, até mesmo quando ele e sua turma tinham de disputar as duras lutas de boxe, com luvas e todos os apetrechos, no vão central da Visconde de Guarapuava



Com o ex-presidente
norte-americano
Bill Clinton e o ator
Anthony Hopkins.

com Barão.

Parece estar brincando, quando diz que o primeiro experimento de reciclagem que fez foi com lonas inseríveis e sacos doados por comerciantes amigos da rua, material com o que fez a lona do circo que ele e sua turma ergueram na Barão do Rio Branco. “Havia só dois espectadores pagantes” – garante – “o resto trabalhava no circo”.

Ao evocar a rua de sua meninice e seu primeiro laboratório urbano, Jaime confirma a descrição com uma frase: “A cidade é a síntese da sociedade, e a rua a síntese da cidade...”

Bossa nova & emoções

Erra quem diz ser o urbanista um durão ou um campeão no conter emoções. Por exemplo, quando o escritor e jornalista Manuel Karam morreu, em 2008, ele chegou ao velório chorando. Karam fora companheiro fiel, na produção de material para TV em suas campanhas políticas e na Prefeitura e Governo, conhecia de olhos fechados o pensamento de Lerner, usando a linguagem comum dos homens criativos e que se entendem sem muitas conversas.

Esse diálogo de espíritos criativos Lerner exercita com outros amigos dessa ampla jornada de registro eletrônico de sua vida e obra. Um desses parceiros é Carlos Deiró, da Deiró Filmes, alguém que conhece de cor e salteado a caminhada Jaime Lerner. Registrou em áudio e vídeo todas as etapas nacionais e internacionais de Lerner.

Emoção que não esconde também quando rememora momentos de sua primeira gestão como prefeito de Curitiba, como quando inaugurou o Teatro Paiol. Foi noite histórica, da transformação do velho espaço num centro de espetáculos, aberto festivamente por Lerner com dois monumentos da MPB, Toquinho e Vinícius de Moraes. Tudo sob a égide da Fundação Cultural de Curitiba, por ele criada e com todos os seus desdobramentos.

Ah! Por falar em música, é histórica sua ligação com ases da música popular, com gente do quilate de Francis Hime – é seu incondicional admirador –, João Gilberto, Caetano, Gil, Menescal, Bethânia... No Paraná, ajudou a expor ao país a obra de Paulo Leminski, e descobriu – pelo ouvido atento de Aramis Millarch – o cantor e compositor local Lápiz, o Palminor Rodrigues, cedo le-

vado pela morte.

E vai expressando toda essa ligação agora no Espaço da Bossa Nova, que concebeu e está sendo erguido no Rio de Janeiro, cidade-paixão, para a qual realizou projetos de transporte de massa e sugeriu intervenções urbanas ao longo dos anos. Tudo acima de cores políticas, embora Leonel Brizola, a cujo partido pertenceu, tenha sido um dos administradores que mais mostraram sensibilidade para com a ação de Lerner.

Do Rio chegou a ser apontado como possível candidato a governador, tal sua ligação com a cidade onde fez intervenção importante: dentre elas, alterações no sistema de transporte que integraram bairros pobres com a zona Sul, o acesso às praias.

Sabedorias

Passa o dia, quando não está viajando, na sede do Instituto Jaime Lerner, Rua Bom Jesus, no Cabral. A casa foi, por 40 anos, a moradia dele, Fani e filhas. Foi a primeira e única moradia do casal, construída quando Fani lecionava em escola pública primária, em Vila Lindóia, e Jaime se iniciava como arquiteto.

Já era pequena a casa para a família, hoje o espaço está sendo ampliado para abrigar a biblioteca da instituição que guarda acervo de uma vida de fértil contribuição do craque dedicado a prever para prover espaços.

Dali mesmo, avista o prédio em que mora com Fani,

do outro lado da rua. De alguma forma, pode ter naquela Rua Bom Jesus alguns pontos em comum com a Rua Barão do Rio Branco, mudados os tempos. Pois ali está seu universo imediato, com o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC – (ao qual deu vida), a moradia e o Instituto Jaime Lerner. Tudo isso está ao alcance desse sedentário, em pequenas caminhadas. E dali também observa o fluxo dos ônibus expressos passando pelas canaletas exclusivas da Avenida João Gualberto, que são das melhores “criaturas” de Lerner.

Pela escada apertada do Instituto tem-se acesso ao mezanino de onde Jaime despacha, recebe jornalistas de todo o mundo – uma média de duas entrevistas internacionais por mês. Ali ele pode ampliar a descontração e o bom humor, qualidades de que nunca se desfaz, mesmo em momentos críticos. E pode também ampliar a fala catequética sobre o que é ser sustentável nos dias de hoje – “não basta construir prédios verdes”, sublinha com entonação de voz bem humorada. Quase rindo.

Um bom exemplo de sustentabilidade está ali mesmo, no teto daquela casa que foi seu primeiro investimento imobiliário. Ele a construiu quando tinha 22 anos, com o *plus* de um teto que garante perfeito isolamento térmico: grama entre o telhado e o forro, que estão lá, úteis, exemplares até hoje.



Títulos universitários
honorários:
reconhecimento
à criatividade
em urbanismo.

Almas curitibanas

Quando fez 70 anos de idade, no Centro Israelita, amigos de infância, admiradores, familiares – como Henrique Naigeboren (cunhado) e Clarita (irmã), os outros irmãos e cunhados, sobrinhos de Jaime –, alguns nomes do mundo da universidade e da política, foram homenagear o velho guerreiro. Foi encontro com outra parte de seu universo de mocidade, recordações de tempos de contatos com grandes nomes – que então existiam – do teatro da comunidade israelita do país. Jaime fez rápidas incursões pelos palcos da comunidade. Mas não levava jeito para a coisa, expuseram testemunhas daqueles tempos. Uma delas, com bem humoradas análises, o engenheiro Juca Zokner, personagem de Curitiba, blogueiro e intelectual de muitas facetas.

Cidadão do mundo, ele sempre acentua ser um curitibano visceralmente ligado à sua gente, usos e costumes, e aos contornos, becos, vielas, ruas e praças da cidade. Um curitibano que se cerca de amigos fiéis, como o jornalista Jaime Lechinski, um incorrigível imitador de traços poloneses da cultura curitibana, com suas falas cômicas, num português propositalmente atravessado, sendo ele mesmo neto de poloneses; Guaraci Andrade, Gerson Guelmann – o fidelíssimo guardião da memória dos governos Lerner –, Moacir Gouvêa, Eduardo Rocha

Virmond. Até meses atrás, o jornalista Nireu Teixeira, recém-desaparecido, era um dos interlocutores mais próximos de Lerner, por ser uma espécie de vocalizador privilegiado – e com grande acústica – da alma de Curitiba, assim como Osires de Britto, e igualmente o jornalista Dante Mendonça.

Aliás, sobre Dante, Lerner não tem sido econômico: considera o livro lançado pelo jornalista em 28 de março de 2009, como o melhor já escrito sobre a cidade que é paixão comum aos dois. Lerner, além de amigo de Dante e Maí, sua mulher, é autor da apresentação desse livro, “Curitiba, Melhores Defeitos, Piores Qualidades”. Toda gente dessa confraria, o entorno mais próximo de Jaime, é com quem Lerner divide artes. Uma delas, cinema, que consome com frequência, ao lado de Fani. No momento, dois filmes motivam suas análises, “O leitor” e “Quem quer ser milionário?”.

Os mais assíduos companheiros de Jaime e Fani nas idas ao cinema, ao teatro, a jantares, são os casais Maurício e Clarissa Brick e Ronald e Siomara Schulman.

No Instituto Jaime Lerner, onde passa grande parte do dia, há o contato continuado com antigos companheiros, numa entre-ajuda permanente: os arquitetos Kerin Frick e Carlos Eduardo Ceneviva e Francisco Canale, Alcides Rovani, e o engenheiro Nicolau Kluppel;



Recebendo os imperadores do Japão.



Lerner foi parte da exposição dos “Modernos Leonardos”. Reconhecimento dos americanos aos homens de ideias do século XXI.

e a ala jovem que o cerca inclui os também arquitetos Paulinho, Fernando Popp, Diana.

Não é leitor voraz, mas acha tempo até para leituras por ele mesmo classificadas de “pesadas”, como Schopenhauer. Aos domingos, procura ir aos concertos no Guaíra.

O inventário afetivo de Lerner inclui outras “almas de Curitiba”, como o falecido jornalista Aramis Millarch, o primeiro a pressentir, e a espalhar na imprensa do Brasil, a impressionante potencialidade daquele arquiteto recém-chegado da França, nos inícios dos 60s. E que, ao longo dos anos, se tornaria o paranaense mais conhecido no exterior, e um dos brasileiros mais premiados no mundo inteiro em função de sua contribuição à humanidade, com prêmios concedidos pela ONU, UNESCO, UNICEF, por exemplo. E, sem qualquer sombra de dúvidas, o que mais frequentou páginas de grandes publicações europeias e americanas, em função de suas ideias, sem falar na mídia televisiva internacional. Por muitas vezes ocupou páginas dos jornais Christian Science Monitor, de Boston, ou do The New York Times, ou das revistas Newsweek ou Times, ou de noticiosos da Deutsch Welle e CNN, abordando sua obra e os resultados de suas intervenções urbanas pelo mundo. Curitiba como foco primeiro.

Com lugar garantido na História do Paraná, e uma obra consolidada em todos os continentes, Lerner dedica alguns momentos, sempre que pode, para reproduzir façanhas de um de seus descendentes, o neto Ben, 9 anos, com quem, até há poucos meses, circulava por *shoppings* e parques.

Conta que um dia a mãe de Ben, Ilana, levou o menino ao zoológico e foi, pelo caminho, apontando escolas, creches, vias rápidas, soluções urbanas, parques, como “obras de seu avô”. Ben a tudo ouviu quieto.

Dias depois, numa aula, o professor perguntou à classe sobre quem tinha feito o mundo (segundo a visão religiosa):

- Foi meu avô, garantiu Ben, sem titubear.
- Não, foi Deus – corrigiu o professor.
- Mas Deus é amigo de meu avô – arrematou o neto, só orgulho pela obra de Jaime Lerner.

Ah! Já que se toca no Grande Mistério, é bom que se diga que Lerner não é um agnóstico, mas silencioso seguidor do pai, seu Felix, no essencial, em matéria de fé. Nas grandes datas, pode ser encontrado na sinagoga e tem respeito pelo legado espiritual da Torá.

O essencial de sua fé em Jahvé parece lhe sugerir um absoluto alheamento em relação aos que lhe fizeram mal. A um ex-deputado, por exemplo, que a sua sombra



Com os pais,
dona Elsa
e “seu” Felix,
em dia de festa.
Jaime é o primeiro
à esquerda.

se criou vota “amplo esquecimento”. Arquivou o *ex-protégé* que o traiu abertamente.

No mais, amigos desse Jaime sem rancores admitem que haveria “uma maldição Lerner” no ar, direcionada aos que lhe pagaram o bem com o mal. E que atingiria, igualmente, os que tentam destruir sua obra.

Não há certeza sobre a “maldição”. Não é do estilo Lerner amaldiçoar. O mais provável é que tudo seja parte do folclore urbano.

O que é certo é que as sistemáticas campanhas políticas contra o urbanista não têm acústica: Lerner, que até há dois anos foi presidente da Associação Mundial de Arquitetos, está com a agenda internacional tomada. Nada surpreendente para quem, entre outros títulos, foi apontado em mostra internacional realizada em Chicago, em 2005, como um dos “Novos Da Vinci”, tributo à criatividade de quem, no momento, olhos brilhando, apenas faz referência à sua mais nova invenção a ser anunciada: o Museu da Rua, “o menor museu do mundo”, esclarece, fazendo o suspense devido, o urbanista que é a “alma maior” de Curitiba.

Movido a bom humor, ideias de sobra e muita calma

Ex-colaboradores que se tornaram grandes amigos do urbanista contam um pouco sobre o privilégio de conviver com ele.

Quase sete anos depois de ter encerrado seu segundo

mandato como governador do Paraná, o também ex-prefeito de Curitiba por três vezes, Jaime Lerner continua sendo reconhecido e abordado por onde passa. Mais do que autoridades públicas e ex-colaboradores que lhe apresentam a reverência protocolar, quem se dirige a ele são populares que lhe falam informalmente, como que retomando uma conversa com aquele parente ou amigo que não se vê sempre, mas com quem se tem toda a liberdade de falar.

Para o ex-colaborador e amigo de longa data Gérson Guelmann, esse é um dos aspectos mais marcantes e prazerosos da convivência com Lerner. “As pessoas captaram o estilo do Jaime se conduzir, que em essência é o mesmo no trabalho ou na vida pessoal pela vida afora, e se identificam com ele e com o que ele representa principalmente para quem vive em Curitiba”, resume Guelmann, que conhece Lerner desde jovem, mas se aproximou definitiva e inarredavelmente dele em 1982, quando da acirrada disputa eleitoral para governador que contrapôs Saul Raiz e José Richa. Então prefeito pela segunda vez, Lerner convocou o maior número de amigos que pode para ajudar na eleição de Raiz - ao fim derrotado por Richa.

Acontece que aquele mesmo público o saúda – ao mesmo tempo informal e carinhosamente – porque se habituou a encontrá-lo nos locais aonde vão boa parte dos mortais com as mesmas preferências culturais e de lazer. É o caso dos cinemas, teatros, concertos e salas de

exposições onde Lerner e a esposa Fani jamais abriram mão de estar por causa da notoriedade. Ou, então, do Parque São Lourenço, quando a agenda de viagens internacionais de trabalho era menos carregada que hoje e o avô-coruja aproveitava para dar uma volta em torno do lago com o primeiro neto, Ben.

Tudo isso, frise-se, feito sempre sem a companhia intimidadora de guarda-costas, que Lerner sempre dispensou – para desespero da equipe oficial de segurança do prefeito ou governador Jaime Lerner. Não que julgasse o trabalho deles de menor importância, mas simplesmente porque achava desnecessário. “Quem vai querer entrar em meu quarto, nesse corredor de hotel, a uma hora dessas, só para tentar me matar?”, indagou a assessores, certa vez, durante uma viagem ao interior do Paraná. Generoso, nessa ocasião também revelou certa preocupação com o fato de um ser humano ter de passar uma noite inteira de pé, no frio, longe até mesmo de janelas, enquanto seu protegido dormia. “Para que isso?”, desafiava o arquiteto, que também nunca foi

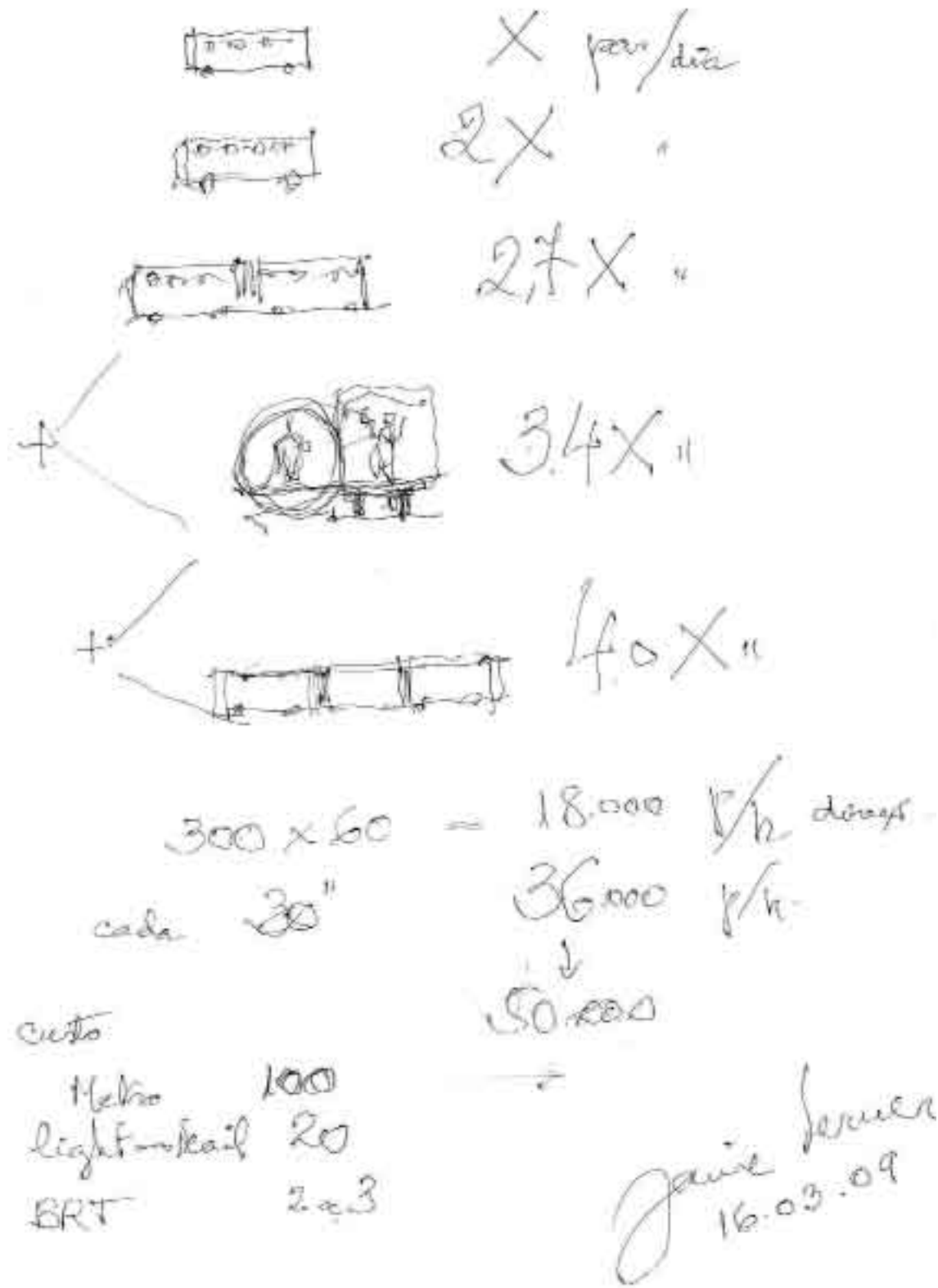
nem um pouco dado a qualquer manifestação de pompa ou protocolo.

Junte-se a essas características de pessoa simples o orgulho pelo fato de ter como contrterrâneo o arquiteto responsável pela transformação de Curitiba em referência urbanística mundial ao longo das três últimas décadas e está explicado porque Lerner continua sendo tão popular e querido entre os paranaenses. “Ao mesmo tempo em que ele é um homem que conhece a realidade e o *glamour* do mundo, preza muito poder saborear um bom pastel ou garantir pessoalmente que sua despesa esteja bem abastecida de pepino azedo”, conta o secretário estadual de Comunicação Social de Lerner, Jaime Lechinski, hoje auditor do Tribunal de Contas do Estado.

O conceito público de que o arquiteto desfruta, no entanto, é resultado de uma intensa, constante e muito bem compartilhada sucessão de projetos vitoriosos catapultados sempre por boas e instigantes ideias. Segundo Lechinski, a ideia certa é, invariavelmente, a energia



Com Fani e netos.



Em poucos minutos, cria este gráfico. É a pedagogia do desenho para defender seu ponto de vista sobre as novas soluções para o transporte de massa em Curitiba.

que move Lerner e faz literalmente brilharem de satisfação seus olhos azuis. “Ele pode estar mergulhado na mais tumultuada das situações, mas se a ideia surge, os olhos denunciam. Ele a pega no ar e vibra com isso”, conta.

Também invariavelmente, essas ideias que foram o embrião de vários dos principais ícones de Curitiba – como o Calçadão da Rua XV, o sistema expresso de transporte coletivo que equivale a uma extensa malha de metrô de superfície, o Parque das Pedreiras e o teatro Ópera de Arame, o Jardim Botânico e a Universidade Livre do Meio Ambiente, entre tantas outras marcas do arquiteto impressas por toda a cidade – como o Teatro do Paiol, a Fundação Cultural, os parques públicos, o Jardim Zoológico – e que fazem o curitibano estufar o peito de orgulho – são acompanhadas de um grande e inabalável senso de humor. E de calma também.

No rol dos auxiliares diretos da grande arrancada da primeira administração municipal de Lerner, há outros nomes para sempre vinculados àquele marco: Constantino Viaro e Maria Eliza Ferraz Paciornik, na Fundação Cultural; Luiz Julio Zaruch, secretário de Imprensa que, junto com Aramis Millarch, fez eficientíssimo trabalho de disseminação da obra e das propostas do urbanista; Nestor Bueno, nas Finanças; Cássio Taniguchi, na viabilização da Cidade Industrial; Nicolau Klüppel, Sérgio Mercer, Rafael Dely...

Quem já trabalhou bem próximo de Lerner, não tem dúvidas: o bom humor que o caracteriza é uma dádiva que contagia a todos e torna leve o ambiente. E a calma, por sua vez, é estranha e inversamente proporcional à mais dura pressão que possa experimentar – o que dá a ele tranquilidade para decidir mas estresse incomensurável entre os colaboradores. “A calma dele chega a ser irritante”, disse certa vez a amigos, em tom de brincadeira, a filha mais nova, a jornalista Ilana Lerner Hoffmann (a outra, Andréa, mora em Nova York).

Talvez por isso Jaime Lerner possua uma qualidade incomum: a de ter tempo para prestar atenção nas pessoas, em seu potencial e destacar o lado positivo de cada uma, apesar de um ou outro defeito que, em geral, normalmente se possa ter. Assim, a uma restrição apresentada à capacidade de algum membro das equipes que comandou e comanda, sempre contrapõe a qualidade, o lado bom daquele que é criticado. “A não ser que seja defeito de caráter, que isso ele nunca admitiu”, ressalva o atento observador Gérson Guelmann,

Bem-humorado, tranquilo, confiante nos colaboradores que foram se tornando amigos fiéis e inseparáveis e sempre cercado de técnicos de alto nível como Franchette Rischbieter e Rafael Dely, em primeiro lugar, e Carlos Eduardo Ceneviva, Lubomir Ficinski, Abrão Assad, Manoel Coelho, Ángel Bernal, entre tantos outros, foi natural para Lerner ganhar a adesão espontânea in-



No lançamento do livro “Querência em Prosa”, de Manoel Haygert, em Curitiba. Com Fani, em 1992.

clusivo dos membros não tão próximos das equipes que formou ao longo de sua carreira vitoriosa de arquiteto, urbanista, gestor público e, agora, “acupunturista urbano” em tempo integral. “Na nossa última gestão na Prefeitura”, conta Guelmann, “éramos uma orquestra tocada de ouvido e que atuava com espírito de gincana. Cada um dava o melhor de si porque não só sabia que seria co-responsável pelo resultado como também que teria créditos nesse sucesso, já que o Jaime nunca teve medo de delegar tarefas e dividir os louros. Muita gente certamente pagaria, se pudesse, para ter participado de tudo isso”.

O lado difícil de lidar com o arquiteto, no entanto, também existiu. E ainda aparece quando seu universo

de criador é confrontado pelas exigências da burocracia estatal – com as quais teve de conviver no exercício de seus cinco mandatos – e com a afetação. Jaime Lechinski, que acompanha Lerner desde a década de oitenta, quando foi convidado para trabalhar em sua segunda gestão como prefeito, recorda o primeiro choque. Aconteceu quando o arquiteto foi indicado prefeito, no início dos anos setenta, e a definição dos nomes dos futuros ocupantes do cargo era prerrogativa dos governadores. Na época, Lerner era presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc) e entendia tudo de Curitiba e nada de burocracia – coisa para a qual até hoje não tem o mínimo de vocação ou paciência.



O acupunturista urbano mascateia ideias para um mundo sustentável.



A prancheta do Instituto Jaime Lerner é de onde saem as grandes soluções urbanas que ele leva mundo a fora.

Nada que, de vez em quando, não pudesse ser driblado com criatividade, estilo e, é claro, doses generosas de bom humor. Foi o que ocorreu quando o gravurista Poty Lazarotto requereu à Prefeitura esclarecimentos sobre a realização de uma grande obra pública no Cajuru e que poderia estar afetando a estrutura de casas pertencentes a sua família. Também avesso à burocracia e a suas formas ordinárias de manifestação, Poty encaminhou ao então prefeito um inusitado requerimento em forma de desenho, onde aparecia uma casa a ponto de ser engolida por um ser fantástico. Lerner leu atentamente o documento e não teve dúvidas: despachou um defira-se.

O episódio retrata bem o lado agradável da rotina e que Lerner tanto valoriza. Rotina que, para ser cumprida, muitas vezes pode prescindir dos recursos formais de comunicação. Rápido de raciocínio, não tem dificuldades de, no meio de uma conversa e quase na forma de desafio, provocar a reprodução de sequências inteiras de diálogos de clássicos do cinema. É como fazia com o ex-chefe de gabinete Nireu Teixeira, morto no final de 2008, quando revisitavam passagens de muitas vezes visto “Casablanca”.

A propósito: conforme o dia, Jaime Lerner pode laquear, quando recorda amigos que já se foram e que tiveram papel decisivo em sua vida. Em abril deste 2009, entrevistado no Banda B Rádio Debate, da Banda B AM – a maior audiência de rádio na Região Metropolitana de Curitiba –, ele disse: “Nireu e Franchette me ensinaram tudo na Prefeitura. Devo tudo a eles. Tenho muita saudade dos dois...”

De resto, como observa Guelmann, Jaime Lerner é o velho tímido de sempre, mas que venceu a timidez por imposição das circunstâncias que o tornaram autoridade mundial em planejamento urbano. A grande diferença é que agora, aos 71 anos de idade, atravessa um dos momentos mais fecundos de toda a sua vida. E cada vez mais é o viajante que vai, mundo afora, mascatear suas ideias. Literalmente, vai “vendê-las”. Os que a aceitam estarão adquirindo propostas de qualidade comprovada, materializadas pelo orbe todo. Quantos podem dizer o mesmo, no Brasil?

(entrevista e texto escrito em abril de 2009)

NB: em 21 de maio de 2009, morreu Fani Lerner